



A MAIOR TRAGÉDIA DA MINERAÇÃO SUL CATARINENSE: UMA ANÁLISE DO JORNALISMO HUMANIZADO PRESENTE NAS REPORTAGENS DAS REVISTAS ISTOÉ E VEJA

Karoline Mariot¹

Nadia Couto²

Resumo: Este estudo tem como objetivo principal analisar a presença do jornalismo humanizado nas reportagens “A última descida” e “A morte anunciada”, ambas apresentadas pelas revistas ISTOÉ e Veja sobre a maior tragédia da mineração sul catarinense, em que um trágico acidente vitimou 31 mineiros em uma grande explosão em setembro de 1984 em Urussanga, SC. O objetivo ainda é relacionar os conceitos da Estrela de Sete Pontas, desenvolvida por Felipe Pena (2006) por meio do jornalismo literário, e assim analisar a linguagem utilizada pelos repórteres para construir as reportagens das revistas e identificar pontos estratégicos das reportagens que atraem a atenção do leitor. Para cumprir os objetivos, foram analisadas as duas reportagens. Como resultado, a pesquisa apontou para a presença de elementos do jornalismo humanizado e do jornalismo literário através de pontos estratégicos identificados nas reportagens, além disso, foi observado também o cuidado dos repórteres em relatar todos os detalhes do ambiente, como a hora dos fatos, os dias da semana, as expressões, os gestos entre outras características relevantes em relação ao fato.

Palavras-chave: Jornalismo Humanizado. Jornalismo Literário. Tragédia na mineração.

1 INTRODUÇÃO

Em setembro de 1984, as revistas ISTOÉ e Veja trouxeram em suas edições o acidente que vitimou 31 mineiros em uma explosão na mina Plano 2 da Companhia Carbonífera Urussanga - CCU, ocorrida na cidade de Urussanga/SC, na localidade de Santana. Os veículos de comunicação da época afirmaram ser a maior tragédia da mineração sul catarinense.

¹ Graduanda em Jornalismo. E-mail: karolinemariot76@gmail.com.

² Orientadora. Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário UNISATC. E-mail: nadia.acouto@gmail.com.



Os fatos trágicos, além de impactar o ser humano, despertam a curiosidade e o interesse sobre o assunto. Conseqüentemente, os veículos de comunicação são os responsáveis por transmitirem informações verídicas, precisas e com conteúdos responsáveis ao público.

Segundo Ijuim (2016), o jornalismo humanizado possibilita uma construção de narrativas, histórias cujo enredo apresentam uma transformação dos personagens e da situação. Também se percebe, além da informação, a experiência vivida pelo narrado e pelo narrador. Para o autor (2016), o jornalismo humanizado não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, traz em sua essência uma linguagem que usufrui dos recursos da literatura e que valoriza os personagens, buscando a essência das ações humanas com um olhar, uma perspectiva e um ponto de vista, absorvendo de suas fontes a essência necessária para transformar a narrativa em um conteúdo humano e fugir das abordagens tradicionais.

A partir dessas questões que se busca responder o seguinte problema: de que forma o jornalismo humanizado se faz presente nas reportagens “A última descida” e “A morte anunciada”, veiculadas pelas revistas ISTOÉ e Veja? O presente estudo tem, portanto, como objetivo geral analisar as características do jornalismo humanizado presentes nas reportagens citadas.

Já os objetivos específicos são: relacionar os conceitos da Estrela de Sete Pontas por meio do jornalismo literário e, assim, analisar a linguagem utilizada pelos repórteres para construir as reportagens das revistas, e identificar pontos estratégicos das reportagens que atraem a atenção do leitor.

A escolha em analisar as reportagens das duas revistas justifica-se pelo fato de apresentarem conteúdos que descrevem os fatos ocorridos na tragédia por meio de uma linguagem marcada por tons e nuances, além do conjunto gráfico envolvido na produção da reportagem, fazendo com que o leitor estivesse realmente vivenciando o fato descrito.

Na concepção deste trabalho, foram utilizados os conceitos do jornalismo humanizado e também os conceitos do jornalismo literário, através da Estrela de Sete Pontas, conceito do jornalista e professor Felipe Pena.



Com relação à classificação da pesquisa estipulou-se os seguintes procedimentos metodológicos: do ponto de vista da natureza, a pesquisa é básica, a abordagem de problema é qualitativa, da perspectiva dos objetivos é exploratória e com relação aos procedimentos é bibliográfica e baseada também em estudo de caso.

2 JORNALISMO LITERÁRIO

Para desenvolver o trabalho em questão é necessário discutir os principais conceitos e as principais características do jornalismo literário. Caracterizado por romper com as regras tradicionais impostas pelos meios de comunicação, o jornalismo literário exige do profissional envolvimento profundo e pessoal no processo de elaboração da matéria.

Pena (2006) afirma que o jornalismo literário tem por objetivo ultrapassar os limites dos acontecimentos, proporcionando visões amplas da realidade e rompendo as correntes burocráticas do lead (primeira parte de uma notícia que fornece ao leitor informações básicas sobre o conteúdo), garantindo assim a perenidade e a profundidade diante dos relatos.

Assim, o jornalismo literário procura despertar os sentidos do leitor. Visão, audição, olfato, tato e paladar são estimulados de certa forma, enquanto o jornalismo tradicional apela para o raciocínio lógico.

Na vida real, os lugares onde as coisas acontecem têm cheiro. As pessoas e os objetos têm formas e tamanhos. Têm cores. Os ambientes geralmente têm sons. As pessoas falam alto ou baixo, há ruídos em torno, barulhos distantes podem chegar até o local. Tudo isso apela para os sentidos humanos (LIMA, 2014, p. 15).

De acordo com Tuchman (apud PENA, 2006), a objetividade imposta pelos veículos de comunicação tradicionais nada mais é do que um ritual de autoproteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo.



Mesmo assim, o jornalismo literário mantém em sua essência os princípios da redação jornalística, como por exemplo, a apuração, a observação, a abordagem ética, entre outras coisas. A partir desta ideia, o jornalista não se prende mais ao deadline (hora de fechamento dos jornais ou revistas).

Pena (2006) salienta que os profissionais também não estão preocupados com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo possível. No jornalismo literário, o dever dos jornalistas é ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade.

2.1 ESTRELA DE SETE PONTAS

A Estrela de Sete Pontas é a principal vertente do jornalismo literário desenvolvida por Felipe Pena. Segundo Pena (2013), a primeira ponta da estrela consiste em **potencializar os recursos do jornalismo**, ou seja, quando o repórter desenvolve suas técnicas de narrativa, fazendo a apuração rigorosamente, observando, abordando e utilizando uma linguagem clara de acordo com os princípios éticos.

A segunda ponta seria **ultrapassar os limites dos acontecimentos diários**, indo além da periodicidade e atualidade. Desse modo, Olinto (2008) explica que a busca pela facilidade no jornalismo, utilizando as mesmas palavras e lugares, dá-se por conta da necessidade que às vezes o veículo possui em abranger os assuntos. O autor afirma que o jornalista precisa encarar os desafios de ultrapassar aquilo que é corriqueiro e enxergar por meio de diferentes olhares.

A terceira característica da estrela de sete pontas é quando o repórter é capaz de **proporcionar, por meio de suas reportagens, uma visão mais ampla dos fatos**, contextualizando as informações. A quarta ponta, de acordo com Pena (2013), é ter o **compromisso com a sociedade**, exercendo, de fato, a cidadania. As matérias do repórter podem contribuir para com a transformação da sociedade. Conforme Lima (2018), humanizando a pauta desta maneira, retratando a sociedade, os leitores poderão se identificar e sentir-se representados no texto.



O quinto item da estrela trata-se de **ir além do lide**, não se limitando apenas às perguntas quem, o que, como, quando, onde e por quê. É preciso utilizar no texto técnicas literárias, de forma criativa.

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias (PENA, 2013, p. 54).

Pena (2013) destaca que na sexta ponta é necessário **criar alternativas para não ouvir sempre as mesmas fontes**, também conhecidas como oficiais e primárias. É preciso ouvir diferentes pontos de vista. Por fim, a última ponta da estrela trata da **perenidade**, cuja finalidade é fazer com que a reportagem permaneça e não seja esquecida pelo leitor.

3 JORNALISMO HUMANIZADO

Ijuim (2016) descreve a humanização do jornalismo como meio de construção de narrativas, histórias cujo enredo apresentam uma transformação dos personagens e da situação, além da informação, a experiência vivida pelo narrado e pelo narrador. No trabalho de apuração, o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo.

A partir deste ponto de vista, o jornalismo humanizado vai além do que descrever fatos, o jornalista utiliza as expressões e sentidos de modo a captar, ver, ouvir, questionar e sentir. Ijuim (2016) ainda afirma que o jornalismo humanizado não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, ele traz em sua essência uma linguagem que usufrui dos recursos da literatura e que valoriza os personagens, buscando a essência das ações humanas com um olhar, uma perspectiva e um ponto de vista, absorvendo de suas fontes a essência necessária para transformar a narrativa em um conteúdo humano e fugir das abordagens tradicionais.



Pena (2016) afirma que o detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor.

Com isso, o jornalista se envolve completamente com suas matérias e seus entrevistados. Portanto, Pena (2016) também afirma que se deve fazer uma imersão na tentativa de construir uma ponte entre a subjetividade perspectiva e a realidade observada.

Analisando os jornais e revistas produzidos pela imprensa brasileira, é possível notar certa padronização em relação à descrição de fatos, presente nas reportagens seguindo a forma tradicional de abordagem, ou seja, não se destacando entre os demais. E, ainda, as repetições de fontes munidas de informações técnicas, que, geralmente, não vivenciaram a situação e que conhecem o fato apenas por meio de conceitos e não pela experiência.

Diante desta ideia, Medina (2003) salienta que é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia, superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Portanto, o jornalismo humanizado não se preocupa em apenas “dar a notícia”, pois se acredita que é preciso ir além da factualidade para compreender os fenômenos sociais.

Além disso, a contextualização dos acontecimentos baseados em observação/percepção, reflexão e expressão do mundo faz com que os textos jornalísticos ultrapassem as padronizações do jornalismo tradicional comum entre os meios de comunicação em geral, mais precisamente na mídia impressa.

Assim, Pena (2016) afirma que o jornalismo humanizado não procura um personagem para a história, o autor é o próprio personagem, em que tudo o que for descrito é a partir da visão do jornalista. Irreverências, sarcasmos, exageros, opiniões são características presentes no jornalismo humanizado.

Portanto, o compromisso do comunicador se configura na observação e na reflexão acerca do mundo. Ijuim (2002) salienta que o profissional não deve se



limitar apenas às funções técnicas, mas à função social de comprometer-se com o mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social e de sua cumplicidade com o público.

O jornalismo humanizado também é o principal responsável para transformar a informação recebida em notícia. Por meio da utilização de técnicas jornalísticas realizadas pelas equipes de redação. Com isso, os meios de comunicação, principalmente jornais e revistas, não oferecem notícias, mas informações convertidas em notícias. Afinal, o fato só se transforma em notícia desde que seja recolhido, interpretado e valorado.

Chaparro (1994) afirma que, mesmo sem o poder de decisão final, são os jornalistas capazes de produzir as notícias, pois são eles quem colhem as informações, têm contato direto ou indireto com os autores, atores e intérpretes dos acontecimentos.

Diante desse mesmo pensamento, Hernandes (2006) afirma que o jornalista é sempre um mediador, é quem reporta o que acontece no mundo para um público, transformando fragmentos da realidade em notícia. O jornalismo humanizado não utiliza as técnicas impostas pelo jornalismo tradicional utilizadas pelas equipes de redação. Para construir um material aos olhos dos leitores, o jornalista vai além das regras.

Medina (2003) completa e diz que é preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano. As narrativas perderam espaço para a fórmula da notícia. Histórias de vida que dão sentido aos contextos sociais.

O jornalismo humanizado trata de humanizar as técnicas profissionais em prol da vitalidade do cotidiano, uma vez que a gramática jornalística atual não dá conta das demandas coletivas.

Medina (1999, p. 28) salienta que:

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama do que não tem voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam



ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem.

O texto do jornalismo humanizado se aproxima da reportagem, até mesmo porque a reportagem está inscrita no contexto social deste estilo textual jornalístico e no falar dos protagonistas das ações sociais. Além disso, como esta vertente busca compreender os fenômenos, não pode se limitar à factualidade das notícias. Assim, Medina (2003) defende a ideia de que a linguagem não se entrega à sedução do formato tradicional, mas às necessidades expressivas da realidade presente e do protagonismo social.

Portanto, o jornalista que se dedica a escrever textos humanizados lida diretamente com seres humanos e não com objetos, por isso, quando apura determinado fato busca a verdade e não produz uma realidade em cima dela.

A linguagem humanizada é marcada por ser diferenciada das demais. Ela ambientaliza, descreve os fatos com tons e nuances, costuma nos trazer para o texto de sua reportagem como se nós mesmos (espectadores e leitores) estivéssemos ali, vivenciando o que ela reporta. A intenção desta linguagem é também deixar os textos com cores e torná-los vivos.

Ijuim (2016) afirma que a reportagem torna-se mais humana, densa, complexa, como o é, de fato, o mundo em que vivemos. Sua narrativa leva o sujeito-leitor a pensar, a buscar compreender melhor o que se passa, as razões, os interesses, as variantes do caso relatado.

Para Silva (2010) a narrativa jornalística precisa conter algumas características essenciais como: exposição, complicação e resolução. Dominar as técnicas jornalísticas é imprescindível a qualquer jornalista. É necessário que o profissional use o seu poder de questionar para restringir os dados, diante dos entrevistados.

Ijuim (2016) afirma que os modelos e técnicas de linguagem devem ser encarados de forma acrítica, espírito questionador do jornalista não pode se restringir aos dados, aos entrevistados. Mas o questionamento deve ser sobre “o



que estou fazendo, como estou fazendo, por que estou fazendo”, dessa ou daquela forma. É uma questão de compromisso com a sociedade.

4 JORNALISMO DE REVISTA

Os veículos de comunicação abordam os assuntos, fazendo com que o jornalismo seja diferenciado de um veículo para outro e atingindo públicos diferenciados. Portanto, a produção e a emissão de conteúdos também variam, incluindo a pauta, linguagem, apresentação visual, processo de circulação da informação até chegar ao receptor.

O jornalismo de revista é caracterizado por apresentar assuntos diferenciados para atrair o leitor e passar a sensação de janela do mundo. Para Scalzo (2004) as revistas cobrem diversas funções que a simples transmissão de notícias; entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura. A revista permite ao leitor a interpretação do assunto ou do acontecimento. Uma publicação semanal, quinzenal ou mensal pode fazer uma apuração objetiva, ouvir fontes, utilizar recursos gráficos e fotografias. A revista permite um jornalismo analítico, interpretativo e investigativo.

Schwaab e Tavares (2009, p.05) afirmam que:

No jornalismo de revista os temas podem ser vistos não apenas como conteúdos determinados por certas rotinas produtivas e de consumo, mas também como elementos de processos de extração midiática onde aspectos culturais e campos sociais se entrecruzam. Ao falar para um certo público e com ele criar uma certa “relação”, a revista tem o objetivo de mostrar a realidade de outra forma.

Diante disso, Scalzo (2004) afirma que pelo fato de uma revista levar tempo para ser produzida, ela informa a mesma notícia que foi dada em outras mídias de notícias, mas de forma diferenciada.

Assim, um acontecimento que ocorreu e outro veículo não noticiou devido a falta de tempo em apurar os fatos ou até mesmo fazer a edição do material, as vezes o leitor acaba recebendo o conteúdo incompleto e pendente de informações.

Partindo dessa ideia, Lustosa (1996, p. 12) destaca que:



As revistas não trabalham com base em dados fortuitos, acidentais, mas ligadas a uma cadeia de outros acontecimentos (inerentes ao fato ou tema em questão). “Com a investigação e o estabelecimento de relações de um acontecimento com outros, a revista constrói um texto completo, em que não falta nada para o leitor entender tudo o que existe em torno do assunto”.

Goulart (2006) afirma que em uma revista o primeiro elemento é a fotografia, o restante da diagramação parte da imagem, depois vem o texto, completo, que evita gerúndio, com títulos diferenciados. Outra característica é a divisão em seções, o que facilita a leitura. As revistas apresentam recursos textuais e gráficos permitindo que o leitor presencie uma completa reportagem.

5 ANÁLISE DOS DADOS

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a presença do jornalismo humanizado nas reportagens “A última descida” e “A morte anunciada”, ambas apresentadas pelas revistas Istoé e Veja sobre a maior tragédia da mineração sul catarinense, em Urussanga-SC, onde um acidente vitimou 31 mineiros numa explosão ocorrida no dia 10 de setembro de 1984. Com o impacto causado pelo acidente, as revistas trouxeram na mesma semana matérias elaboradas que descreveram todos os acontecimentos.

5.1 O ACIDENTE

As causas do acidente nunca foram, de fato, esclarecidas. Perícias feitas no local indicaram acúmulo de gás metano (um gás inflamável, presente na camada de carvão, que em determinada quantidade causa explosões). A situação pode ter se agravado por falta de ventilação na mina. Isso porque quedas de energia ocorridas na véspera do acidente podem ter comprometido o funcionamento dos exaustores que carregavam o ar da superfície para o subsolo. A operação para a



retirada dos corpos só foi encerrada cinco dias depois do acidente e reuniu bombeiros de Criciúma, Itajaí, Florianópolis e Porto Alegre.³

A evolução da mineração, desde a tragédia em Urussanga, é constante em tecnologia quanto em segurança. A produção é quase totalmente mecanizada, o que melhorou e muito as condições de trabalho. Os casos de pneumoconiose, doença pulmonar causada pela inalação de poeira que assombrou as últimas gerações de mineiros, praticamente inexistem. Além disso, máscaras faciais são itens obrigatórios para o serviço.⁴

Para a concepção desta análise se faz necessário analisar a presença do jornalismo humanizado nas reportagens das revistas, por meio dos principais conceitos estabelecidos pelo jornalismo humanizado e também através da Estrela de Sete Pontas, conceito desenvolvido por Felipe Pena (2006), por meio do jornalismo literário.

5.2 AS REVISTAS

A ISTOÉ é uma revista semanal brasileira de informações gerais, criada em 1976. De lá para cá, o veículo se consolidou como um dos mais influentes do país. Foi protagonista dos mais importantes fatos sociais e políticos e teve ainda participação de destaque na redemocratização do Brasil.

Ao longo dos anos, a revista colecionou uma sucessão de furos jornalísticos e o reconhecimento da sua qualidade editorial através de vários prêmios que lhe foram agraciados ou conquistados por seus profissionais. A revista possui uma tiragem de aproximadamente 25 mil exemplares por mês.⁵

Já a Veja surgiu antes. Em 11 de setembro de 1968 a Editora Abril lançou o seu mais novo projeto: uma revista semanal de informações, que levaria ao leitor

³A maior tragédia de mineração do Brasil: Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/a-maior-tragedia-de-mineracao-do-brasil> Acesso em: 18 de novembro de 2020.

⁴A maior tragédia de mineração do Brasil: Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/a-maior-tragedia-de-mineracao-do-brasil> Acesso em: 18 de novembro de 2020.

⁵Istoé: Disponível em: < <http://www.editora3.com.br/istoe.php> > Acesso em: 18 de novembro de 2020.



reportagens sobre os principais acontecimentos do Brasil e do mundo de forma organizada, analítica e contextualizada.

A Revista Veja foi fundada em pleno regime militar, enfrentou a censura e teve edições apreendidas, mas nunca se intimidou ou deixou de questionar o poder em suas páginas impressas e, partir dos anos 90, também na internet. Ao longo dos tempos, a Veja se posicionou como a maior, mais influente e mais prestigiada revista brasileira e continua a criar plataformas para levar informação de qualidade ao leitor.⁶

A reportagem da revista ISTOÉ sobre a tragédia da mina de Urussanga foi publicada em 19 de setembro de 1984. A matéria intitulada “A última descida”, com a linha de apoio: “Uma explosão no centro da terra mata 31 mineiros do carvão em Urussanga, Santa Catarina”, descreve com detalhes minuciosos fatos importantes do pós-acidente, descrevendo a maneira como os corpos das vítimas chegavam ao local do sepultamento e relatando todas as características importantes do fato.

Já no início da reportagem é possível identificar a presença do jornalismo humanizado, além disso, relacionar parte do texto com o quinto item da Estrela de Sete Pontas, onde o repórter consegue ir além do lide. Pena (2006) salienta que o repórter não precisa se limitar apenas às perguntas quem, o que, como, quando, onde e por quê. O autor ainda afirma que é preciso utilizar no texto técnicas literárias, de forma criativa.

Diante da multidão concentrada no pátio de estacionamento do Hospital Nossa Senhora da Conceição de Urussanga, Santa Catarina, os oito médicos convidavam as famílias dos mineiros a procurar seus mortos. “Alguém pode confirmar de quem é o corpo que foi lavado agora?” Eles pediam. “Parece ser de um rapaz, entre 22 e 25 anos, que usava uma ponte móvel superior”. Nem todos, mesmo os parentes, entretanto, reuniam coragem suficiente para olhar. Envolto em sacos plásticos, enegrecidos, alguns destroçados, já em estado de decomposição,

⁶Os 50 anos de Veja: uma linha do tempo: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/os-50-anos-de-veja-uma-linha-do-tempo/>> Acesso em: 18 de novembro de 2020.



os corpos que vinham da mina estavam irreconhecíveis. “Este é o Antônio Acedir da Silva, de 26 anos”, identificou Osmar Silva, seu colega. “Dá para reconhecer por esse calo enorme na sola do pé.

O repórter faz questão de descrever todo ambiente, todas as formas e todas as características do momento através de uma linguagem humanizada, fazendo com o que o leitor pudesse realmente vivenciar tudo o que foi descrito. Pena (2016) afirma que o detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com a descrição dos fatos.

Assim, a reportagem inicia num formato totalmente diferenciado, trazendo um novo “gancho” para o texto, ou seja, não relatando apenas que havia ocorrido o acidente vitimando 31 mineiros, mas impondo um sentido mais humanizado diante do acontecimento e trazendo um novo sentido.

Além disso, é possível relacionar a reportagem em análise com os conceitos propostos pelo jornalismo literário. A revista proporciona ao leitor um conteúdo completo, que vai além do simples fato em noticiar o acidente, conseguindo ouvir outras fontes e explorando outras vertentes, através de técnicas literárias.

Pena (2006) afirma que:

O jornalismo literário tem por objetivo ultrapassar os limites dos acontecimentos, proporcionando visões amplas da realidade e rompendo as correntes burocráticas do lead (primeira parte de uma notícia que fornece ao leitor informações básicas sobre o conteúdo), garantindo assim a perenidade e a profundidade diante dos relatos.

No decorrer do texto, o repórter faz questão de continuar descrevendo todo o ambiente, entre outras características, com uma linguagem em tons poéticos:

Lá nos túneis do painel 6, no ventre de um morro coberto de vegetação, estavam os corpos.

O repórter, além de descrever todos os detalhes, ainda apresenta características importantes como a hora dos fatos e os dias da semana. Em outro trecho da reportagem, o repórter relata o momento do sepultamento dos 31 mineiros mortos.



Foi uma longa seqüência de encomendações de corpos, e de tempos em tempos as missas eram interrompidas para que mais um esquife fosse incluído nas cerimônias. Com os cadáveres já em decomposição, depois de mais de 48 horas nos túneis úmidos e abafados, as pessoas eram obrigadas a usar máscaras contra gases para entrar no salão onde era feito o reconhecimento.

Com o passar do tempo, entretanto, já nem as máscaras surtiam resultado, e a limpeza dos cadáveres passou a ser feita no pátio. Não havia necropsia. Confirmada a identificação, os enfermeiros grudavam uma etiqueta com o nome da vítima na tampa do caixão.

É possível perceber como o repórter “mergulha” nos acontecimentos e consegue trazer para o texto tudo o que foi visto e vivenciado no local. Detalhes e características fundamentais para descrever perfeitamente as situações.

Pena (2006) salienta que os profissionais também não estão preocupados com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo possível. No jornalismo literário, o dever dos jornalistas é ultrapassar esses limites e proporcionar uma visão ampla da realidade.

Mais do que relatar o momento do sepultamento, em outro trecho do texto o repórter descreve uma cena muito emocionante presenciada por todos.

No cemitério municipal, de meia em meia hora uma nova família chegava com seu morto por enterrar. Timidamente, um mineiro aproximou-se de uma sepultura recém-fechada para depositar sobre o túmulo as luvas e o capacete do amigo morto.

É possível também associar a reportagem em análise com a segunda ponta da estrela, onde o repórter consegue ultrapassar os limites dos acontecimentos diários, indo além da periodicidade e atualidade. Desse modo, Olinto (2008) explica que a busca pela facilidade no jornalismo, utilizando sempre as mesmas palavras e lugares comuns, dá-se por conta da necessidade que muitas vezes o veículo possui em abranger todos os assuntos.



É possível relacionar o texto também com a terceira ponta da estrela, quando o repórter é capaz de proporcionar, por meio de suas reportagens, uma visão mais ampla dos fatos, contextualizando as informações.

Diante desta informação, Pena (2013) afirma que os repórteres precisam seguir caminhos ao contrário e não se tornarem escravos do manual de redação. Porém, o texto precisa ter valor estético com técnicas literárias.

Assim, a reportagem “A última descida” apresenta um aprofundamento em relação às supostas causas do acidente e posteriormente as causas da morte dos mineiros.

A Revista Veja destacou a tragédia de Santana também em 19 de setembro de 1984, com a reportagem intitulada “A morte anunciada”. A reportagem produzida e apresentada pela Revista Veja em setembro de 1984 destaca na linha de apoio: *A maior tragédia já registrada na principal região de carvão do país levanta o véu da falta de segurança na minas*. Como introdução, de maneira humanizada, nos primeiros parágrafos do texto, o repórter faz o detalhamento de todo ambiente, com características marcantes.

Nos primeiros parágrafos do texto é possível observar a maneira como o repórter descreve todos os detalhes do acontecimento, incluindo as características do ambiente e dos trabalhadores.

Antes de iniciar o trabalho como sempre, discutiram futebol, tomaram café levado numa garrafa térmica, alguns acenderam cigarros. Eram 5h10 quando Rudimar Aguiar, 24 anos, o “Cascão”, mecânico de equipamentos, ouviu o telefone do painel 5, um dos setores da mineração tocar. “Esperei bater mais uma vez e fui atender”, contou ele depois. “No momento em que levantei o telefone do gancho, houve um enorme estrondo”.

Nesse instante, no setor ao lado do painel P6W uma violenta explosão jogou de encontro às paredes da galeria os 31 mineiros que ali trabalhavam. Quase todos morreram instantaneamente. Embora tenha ocorrido a 1.100 metros da entrada da mina, e a uma profundidade equivalente à altura de um edifício de trinta



andares, o deslocamento de ar chegou a arrancar tapumes e a estourar lâmpadas na superfície.

No decorrer do texto, o repórter faz uma divisão de subtítulos para dar continuidade ao assunto: no primeiro subtítulo, denominado de Pânico na escuridão, o repórter relata a situação do acidente e o desespero dos sobreviventes para salvar as vítimas feridas.

Uma poça de água foi a salvação do grupo. Cada um dos mineiros ensopou sua camiseta suja e, colocando-a contra o nariz, transformou-a num filtro improvisado. Assim conseguiram respirar melhor. Durante mais de 40 minutos ficaram ali, parados, à espera do socorro, que não vinha.

Sem esperanças e quase sem ar, deitaram-se um ao lado do outro, no chão úmido da galeria, e Cascão propôs: “Vamos rezar, porque vamos morrer aqui mesmo”. Na quarta-feira passada, mostrando no rosto apenas pequenas escoriações, o mecânico Cascão lembrava: “Rezamos tudo, Pai nosso, Ave-Maria, e começamos a chorar.

Pena (2016) afirma que o jornalismo humanizado não procura um personagem para a história, o autor é o próprio personagem, em que tudo o que for descrito é a partir da visão do jornalista. Irreverências, sarcasmos, exageros, opiniões são características presentes no jornalismo humanizado.

No segundo subtítulo, *Versões contraditórias*, o repórter traz as possíveis causas do acidente, com a palavra inclusive do geólogo do departamento da Companhia Carbonífera Urussanga na época, Vilson Simão, que culpava os trabalhadores por falta de cuidado.

Vanderlei Mendes e Hedi Cesário Scarabelotti eram fumantes, lembra Simão, deixando no ar a acusação que, na verdade, revela muito mais irresponsabilidade da mina do que dos operários. Afinal, se um mineiro fumante arrisca sua vida, uma mina que não coíbe a descida de fumantes às galerias arrisca a vida de todos os que nela trabalham.

O trecho do texto acima é possível relacionar com a sexta ponta da estrela que compõe a Estrela de Sete Pontas. Pena (2006) afirma que é necessário



ir além e criar alternativas para não ouvir sempre as mesmas fontes, também conhecidas como as oficiais e primárias. É preciso ouvir diferentes pontos de vista.

No terceiro subtítulo, denominado *Cenas de terror*, o repórter relata o drama e o trabalho para a retirada dos corpos e a situação em que chegavam para o sepultamento.

Quando os bombeiros chegaram à câmara P6W viu-se o que acontecera na segunda-feira. “Alguns tiveram morte instantânea, mas outros devem ter lutado e se debatido até para tentar se salvar”, contou Zilda Darella Dalboll, 45 anos, chefe de enfermagem da equipe que preparou os corpos para serem entregues aos parentes. Segundo ela, a maioria das vítimas tinha queimaduras e sérias mutilações. “Vários mineiros tinham os dedos das mãos rasgados, como se tivessem se arrastado em busca de um sopro de ar.

Ainda analisando a reportagem em questão, é possível observar a relação com a Estrela de Sete Pontas. Segundo Pena (2006), é quando o repórter é capaz de proporcionar, por meio de suas reportagens, uma visão mais ampla dos fatos, contextualizando as informações. É possível observar que o repórter vai muito além na construção da reportagem. Utiliza todos os sentidos, explorando várias fontes e utilizando técnicas literárias que permitem trazer ao texto um novo sentido diante dos fatos.

E por fim, no último subtítulo, *A vida pela morte*, o repórter relata situações em que os mineiros trocaram seus horários de trabalho com outros colegas e por fim acabaram sendo vítimas do acidente e alguns até sendo salvos por eventuais atrasos. Além disso, as boas lembranças contadas pelos familiares e o drama de esposas que ficaram viúvas, algumas até com os filhos pequenos.

Os mineiros Olívio Lessa e Nascimento Martins, ambos com 26 anos, chegaram meia hora atrasados, perdendo o dia e ganhando a vida. A 15 quilômetros de Santana, no pequeno povoado de Itanema, o mineiro Luís Cesar Cardoso, 25 anos, reuniu no domingo os amigos, como ele mineradores de Urussanga, para comemorar o aniversário do filho Jadson.



Diante do pequeno porta-retrato do menino, Luís César incentivou os amigos a beberem mais cerveja com uma frase que seu irmão Darcyonei Cardoso lembraria no dia seguinte, em frente à mina, como uma premonição: “Ele disse que todos deveriam beber, porque ninguém sabia se no dia seguinte estariam vivos.

Enfim, a reportagem é marcada por apresentar detalhes importantes e exclusivos que oferece ao leitor todo momento descrito como se realmente estivesse no local do acontecimento. Emoções, dramas, tristezas, cores e formatos, entre outras características, foram fundamentais para o repórter apresentar um texto humanizado com uma linguagem marcada por diferentes tons e nuances.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a presença do jornalismo humanizado nas reportagens “A última descida” e “A morte anunciada”, ambas apresentadas pelas revistas ISTOÉ e Veja, respectivamente, em setembro de 1984. Trata-se do acidente que vitimou 31 mineiros em uma explosão na mina Plano 2 da Companhia Carbonífera Urussanga - CCU, ocorrida na cidade de Urussanga/SC, na localidade de Santana. Os veículos de comunicação da época afirmaram ser a maior tragédia da mineração sul catarinense.

Foram determinantes para a elaboração deste artigo a relação dos conceitos apresentados pelo jornalismo humanizado, além da Estrela de Sete Pontas, desenvolvida por Felipe Pena, por meio do jornalismo literário. Assim, o estudo foi baseado em analisar a linguagem utilizada pelos repórteres para construir as reportagens e com isso identificar pontos estratégicos dos textos que poderiam despertar e atrair a atenção do leitor.

Buscou-se com este artigo responder a seguinte questão: de que forma o jornalismo humanizado se faz presente nas reportagens “A última descida” e “A morte anunciada”? Após pesquisas e estudos aprofundados, verificou-se que os objetivos foram alcançados com êxito. Ao analisar as reportagens, foi possível identificar que a humanização nos textos ofereceu ao leitor um conteúdo em que



pudesse sentir e ir ainda mais além da leitura, realmente vivenciar os fatos e sentimentos descritos pelos repórteres nos textos.

Além da análise das reportagens sob a ótica do jornalismo humanizado, foi possível observar também a presença dos conceitos apresentados pela teoria Estrela de Sete Pontas através do jornalismo literário, onde os repórteres utilizaram técnicas jornalísticas capazes de transformar um texto simples em um texto completo e diferenciado, marcado por uma abordagem dos fatos totalmente diferente dos modelos apresentados pelos tradicionais meios de comunicação.

Durante a análise, foi possível perceber também a possibilidade do jornalismo humanizado em trazer para o texto o drama vivenciado pelos mineiros para conseguirem se salvar, o recolhimento dos corpos e o sepultamento e, além disso, o sentimento dos familiares e amigos das vítimas dias após o acidente. Fatos importantes que foram contados e retratados explorando toda essência que o jornalismo humanizado e o jornalismo literário permitem. Percebeu-se também o cuidado dos repórteres em relatar todos os detalhes do ambiente, como a hora dos fatos, os dias da semana, as expressões, os gestos, entre outras características relevantes.

Essa maneira de escrever do jornalismo, utilizando técnicas literárias e trazendo humanização para os textos, permite aos jornalistas uma nova forma de contar boas histórias. Além de ser diferente e exclusivo, faz com que os profissionais não fiquem presos ao simples fato de noticiar somente o acontecido, mas, sim, indo muito mais além, buscando e pesquisando novas informações com o objetivo de oferecer ao leitor um conteúdo novo e atrativo.

Foi possível observar também diante da análise das reportagens em questão que as revistas permitem aos profissionais da comunicação um espaço maior para trabalhar com a apuração dos fatos e com a elaboração das matérias. Além disso, as revistas trazem assuntos mais complexos do que a simples transmissão de notícias, pois dependendo da publicação semanal, quinzenal ou mensal pode-se fazer uma reportagem mais completa, trazer várias fontes, utilizar fotos e outros recursos gráficos mais complexos também.



REFERÊNCIAS

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo** – buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.

GOULART, Alexandre. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista**. Observatório da Imprensa, 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/uma-lupa-sobre-o-jornalismo-de-revista/> Acessado em: 07 de setembro de 2020.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques** – o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal escolar e vivências humanas** – um roteiro de viagem. (Tese de Doutorado). São Paulo: ECA/USP, 2002.

IJUIM, Jorge. **Sobre o Jornalismo Humanizado**. São Paulo: ECA/ USP, 2016.

ISTOÉ. Disponível em: < <http://www.editora3.com.br/istoe.php> > Acesso em: 18 nov. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para Iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

LIMA, Eloise Rodrigues de. **Holocausto Brasileiro: Uma análise do livro-reportagem pelo olhar de jornalista-autor e sua abordagem literária**. 2018. Artigo (Graduação em Jornalismo) – Faculdade Satc, Criciúma, 2018.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MEDINA, Cremilda. **Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social**. São Paulo: ECA/USP, 1999.

MEDINA. Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

NSC TOTAL. **A maior tragédia de mineração do Brasil**: Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/a-maior-tragedia-de-mineracao-do-brasil> Acesso em: 18 nov. 2020.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. 1ª ed. Rio Grande do Sul: JA Editores, 2008.



PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHWAAB, Reges Toni. **O verde passado em revista: jornalismo e meio ambiente nas publicações da Editora Abril**. Relatório de Qualificação de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2009.

SILVA, Amanda Tenório Pontes. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico**. Santa Catarina, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/> Acessado em: 28 de jun. de 2020.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Revista e Vida Simples: complexidades na relação jornalismo e qualidade de vida**. Relatório de Qualificação de Doutorado. São Leopoldo, UNISINOS – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2008.

VEJA. **Os 50 anos de Veja: uma linha do tempo**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/os-50-anos-de-veja-uma-linha-do-tempo/> Acesso em: 18 nov. 2020.